

Mestre Juca o artífice do quartzito

Master Juca the stonemason of quartzite

Patrícia Daniele Urias Pinto¹, Carlos Alberto Pereira^{2*}

RESUMO

Uma tópica de origem medieval que facilmente resumiria parte da vida do canteiro José Raimundo Pereira, o Mestre Juca (1923-2006). O Mestre Juca nasceu, casou e faleceu em Ouro Preto, e recebeu formação escolar até a quarta série do ensino fundamental. A cantaria comum no período colonial pouco deixou no século XX. Assim, tornou-se necessário trazer mão de obra externa para a restauração dos monumentos coloniais em 1930. A experiência do Mestre Juca com os canteiros estrangeiros marcou a sua vida laboral de 1980 até a sua morte em 2006. Por mais de duas décadas, o Mestre Juca realizou inúmeras restaurações na região dos Inconfidentes como, por exemplo, as restaurações: Ponte de Marília de Dirceu, Cruz da Ponte do Pilar, Cruz da Matriz de N. S. da Conceição e o Cruzeiro de Lavras Novas. Porém, a vida dedicada ao labor não se resumia a uma técnica, pois havia também a necessidade de manter o que se aprendeu. Por isso, o Mestre Juca também foi decisivo na criação da Oficina de Cantaria (UFOP) que, desde 2000, atuou na formação de uma nova geração de canteiros para o campo da restauração, bem como na permanente sensibilização de crianças e jovens no campo da educação patrimonial.

Palavras-chave: Mestre Juca; Cantaria; Quartzito; Educação patrimonial.

ABSTRACT

A topical one of medieval origin that would easily summarize part of the life of the place José Raimundo Pereira, master Juca (1923-2006). Master Juca was born, married and died in Ouro Preto, and received school education until the fourth grade of elementary school. The common stonework in the colonial period left little in the twentieth century. Thus, it became necessary to bring in external labor for the restoration of the colonial monuments in 1930. Mestre Juca's experience with foreign landmarks marked his working life from 1980 until his death in 2006. For more than two decades, the Mestre Juca performed numerous restorations in the region of the Inconfidentes, such as the restorations: Bridge of Marília de Dirceu, Cross of the Bridge of Pilar, Cross of the Matrix of NS da Conceição and Cruzeiro de Lavras Novas. However, life dedicated to labor was not just a technique, but there was also a need to maintain what was learned. For this reason, Master Juca was also instrumental in the creation of the UFOP, which since 2000 has been involved in the formation of a new generation of beds for the restoration field, as well as in the permanent awareness of children and young people in the field of heritage education. The work, the community, the rescue of the technique and the conservation of the built heritage of Minas Gerais are intertwined in the life of this master gold-pretano contemporary masterpiece.

Keywords: Mater Juca; Stone masonry; Quartzite; Heritage education.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais

^{2*} Universidade Federal de Ouro Preto E-mail: carlos.ii@ufop.edu.br

INTRODUÇÃO

Casarões e fachadas compõem parte do cenário de muitas cidades do interior do estado de Minas Gerais. O estilo de vida do presente se mescla com construções coloniais, promovendo a sensação de retorno ao passado. Construções civis e religiosas integram o conjunto arquitetônico e paisagístico do local. As fachadas das casas e igrejas, as construções que serviam ao poder público, a decoração interior dessas construções, fontes, pontes, chafarizes, todos esses monumentos são símbolo da opulência e poder advindos da exploração do ouro no século XVIII e XIX. Atravessando o atlântico, diversas técnicas chegavam ao Brasil, o que fez com que a colônia adquirisse traços europeus em suas construções, apesar de apresentar particularidades no estilo e nos materiais utilizados. Dentre essas diversas técnicas, destaca-se a cantaria. Onipresente no cenário urbano atual, essa técnica veio para o Brasil em meados no século XVI com a vinda do governador geral Tomé de Souza. Consiste basicamente em “Lavar a rocha em formas geométricas ou figurativas para construções, com finalidade ornamental e-ou estrutural”(PEREIRA, LICARDDO E SILVA, 2007, p.15).

Durante o século XVIII foi utilizada em grande escala nas construções da antiga Vila Rica. No início do período colonial as rochas vinham de Portugal, sendo o lioz a mais utilizada. Posteriormente, com a ocupação dos sertões tornou-se difícil o transporte a longas distâncias pelo interior e isso fez com que a pedra regional conhecida por itacolomito se tornasse a matéria prima das obras de cantaria da região de Ouro Preto. Porém com a decadência da atividade de extração do ouro e a transferência da capital mineira para Belo Horizonte em 1897, já no século XIX, o trabalho com a cantaria se tornou escasso e houve uma ausência de mestres canteiros, que são os responsáveis pelo talhe das pedras utilizadas na técnica. Sendo assim, quando da necessidade de restauração de alguma obra feita através da cantaria, era necessária mão de obra de outros estados ou mesmo de fora do Brasil.

Ouro Preto, esplendorosa no período da mineração, já não contava com mestres canteiros que residiam na cidade, nem tampouco na região. No regime republicano o efeito da perda dos oficiais mecânicos se fez sentir. No início do século XX, mais especificamente por volta da década de 30, Ouro Preto, outrora Vila Rica, assim como as antigas vilas auríferas, passa por um processo de preservação do patrimônio histórico. Isso ocorre principalmente através de uma política preservacionista do antigo serviço de

Proteção Histórico e Nacional (SPHAN) e do modernismo. A preocupação republicana era modernizar, mas também encontrar as raízes do povo brasileiro. No início da década dos 20 os modernistas visitaram a cidade de Ouro Preto, o que contribuiu para o destaque da cidade como centro intelectual e cultural. Assim “Na busca de entender a história, as raízes de construir a identidade de uma nação em desenvolvimento, os modernistas acabaram elegendo casarões, cidades monumentos e igrejas coloniais barrocas como bem representativos de uma história e de uma arte brasileira autêntica” (Mota, Nogueira, Pereira, 2016, pg.63) . A importância conferida aos bens de Ouro Preto, fez com que a cidade fosse elevada a “monumento nacional” no ano de 1933 .

Ao visar à preocupação em preservar os monumentos da cidade, buscou-se a manutenção de aspectos da antiga vila colonial. Para que isso fosse possível investiu-se na recuperação e restauração de obras que apresentavam problemas de conservação e desgaste pelo tempo. Porém, como supramencionado, nem todas as técnicas contavam com pessoas capacitadas para seu exercício. Eis que surge a pessoa que nos interessa em meio a esse panorama. Trata-se de José Raimundo Pereira, um senhor que nasceu em Ouro Preto no ano de 1923 e na década de 80 desenvolveu trabalhos com a técnica da cantaria, se tornando o responsável pelo ressurgimento desta em um momento em que a cidade passava ao mesmo tempo pela valorização de seu patrimônio histórico e cultural, mas não possuía mão de obra para a restauração dos trabalhos em cantaria.

Ouro Preto na primeira metade do século XX passou por um período de valorização de seus monumentos, o que fez com que a cidade ganhasse o título de monumento nacional em 1933. A indústria do turismo ganhou impulso e para isso houve a necessidade de uma estrutura própria para atender as atividades desse setor. Nesse processo, várias modificações foram feitas para atender a demanda turística da cidade. Depois de trabalhar na fábrica de chá, José Raimundo Pereira foi tirar tinta na Serra da Brígida, sendo esse seu segundo trabalho dos muitos que viriam durante sua vida. Em 1939, em meio a adequação da cidade para receber grande fluxo de turistas, a Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto, passou por uma reforma para se tornar o Museu da Inconfidência. Seu Juca vai então trabalhar nessa reforma como servente de pedreiro. Nessa época que teve o seu primeiro contato mais próximo com a técnica da cantaria. Nas entrevistas que concedeu, lembra com detalhes esse trabalho que se iniciou no ano de 1939 e foi até 1941.

Canteiros portugueses e espanhóis trabalharam na reforma do Museu. Nesse momento seu Juca ainda não tinha nenhum interesse em aprender o ofício. Mas apesar disso, relatou que foi buscar rochas na Serra do Itacolomi para a construção de um panteão dos inconfidentes que seria construído no interior do museu como memória à Inconfidência Mineira, ocorrida em 1789. Quando desenvolveu a arte, o mestre já conhecia o quartzito utilizado nos trabalhos de cantaria de Ouro Preto. Os artigos devem conter no máximo 10 mil palavras em folha tamanho A4. As margens laterais devem estar em 3cm e as margens superior e inferior, 2,5cm.

DESENVOLVIMENTO

A execução deste projeto se tornou possível principalmente através de um projeto anterior realizado no ano de 2004 pela aluna da Universidade Federal de Ouro Preto Deise Simões Rodrigues. Em uma série de entrevistas realizadas pela então aluna do curso de História, Mestre Juca teve a oportunidade de relatar suas experiências e como se enxergava enquanto mestre canteiro e mais que isso, como um indivíduo que tinha uma história com a família, consigo mesmo, que possuía seus próprios valores e ideias. Na primeira entrevista concedida, já demonstrou grande apreço pelo trabalho. Na época, já idoso, contou vários episódios vivenciados ao longo de seus 71 anos. Estes relatos em diálogo com o de outras pessoas, contribuíram para melhores resultados desta pesquisa (Rodrigues, Araújo e Pereira 2005).

Considerando a importância de um método para a elaboração da biografia, optou-se por uma análise historiográfica pautada em procedimentos metodológicos que encontram respaldo principalmente na metodologia conhecida como História oral (Bosie, 1998)

Através desta metodologia, foram realizadas e analisadas as entrevistas do Mestre Juca, de sua esposa Dona Ilda Pereira, do canteiro Francisco Bárbara de Oliveira, formado por mestre Juca e ainda com o prefeito de Ouro Preto que exercia o cargo nos anos das entrevistas e havia sido secretário da cultura no período em que mestre Juca se iniciou nos trabalhos com a técnica da cantaria na década de 80, o senhor Ângelo Oswaldo. Além da utilização destas entrevistas, o relato de outras pessoas consideradas personagens chave na vida de Mestre Juca, puderam traçar um panorama de como foi construída pelas pessoas a figura do mestre antes e depois de se tornar canteiro. Os

entrevistados foram José Geraldo Arantes de Azevedo Brito, atual diretor da Escola de Minas de Ouro Preto e amigo do mestre Juca no período dos primeiros trabalhos com a cantaria e Carlos Alberto Pereira, professor do departamento de Engenharia de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, filho do mestre e responsável pelo Programa Cantaria, o qual foi grande parte idealizado por José Raimundo Pereira e o filho. Atribuiu-se elevado grau de importância a algumas pessoas que se relacionaram com o mestre para que suas escolhas não fossem tratadas de forma isolada, considerando a rede de sociabilidades no qual ele estava inserido.

A utilização dessas entrevistas foi de enorme contribuição na execução deste projeto. Foi através destes depoimentos que para além de sua relação com a cantaria, foi possível refletir sobre outros aspectos de sua vida, pois este, além de último mestre canteiro do estado de Minas Gerais, exerceu papel de filho, irmão, pai, amigo, dentre outros. Sua existência perpassou o campo do trabalho. Considerou-se que uma das inúmeras possibilidades do método da história oral é conectar essas esferas da vida de um indivíduo, dando sentido a uma trajetória individual e buscando ao mesmo tempo respostas para o coletivo, abrindo possibilidades para uma história social .

RESULTADO

A experiência de pesquisa da biografia do Senhor José Raimundo Pereira possibilitou uma pesquisa histórica ciente e preocupada com os debates historiográficos atuais, e com as possibilidades, mas também limitações do gênero biográfico, assim como em qualquer tipo de trabalho científico. Partindo da reflexão da construção de uma história social a partir de um indivíduo, foi possível elencar questões sobre a sociedade ouro-pretana no século XX, as preocupações com o patrimônio ou mesmo o descaso, as técnicas construtivas na contemporaneidade, dentre outras questões que abarcam a coletividade. No entanto, mais que isso, foi possível a escrita de um texto preocupado com um indivíduo, que optou por acessar a margem de manobra que dispunha e teve a oportunidade de fazer ressurgir uma técnica que não encontrava mais representantes no estado de Minas Gerais. A escrita de uma biografia sobre seu Juca lançou novas luzes sobre quem foi este homem que se dedicou durante parte de sua existência a uma técnica milenar e representativa da história de sua cidade e de muitos outros lugares no Brasil e no mundo. Foi possível ainda coletar material para futuras pesquisas, visto que as

possibilidades de análise estão muito longe de se esgotar. O Programa de extensão universitária Cantaria possui um acervo documental onde se encontram os áudios de todas as entrevistas realizadas pelo programa, fotografias de todas as ações realizadas pelos alunos e professores envolvidos nos trabalhos, revistas e artigos aprovados durante os 14 anos de existência desse programa que tem se expandido ao longo do tempo.

Não foi possível a escrita de um livro na íntegra sobre o mestre canteiro José Raimundo Pereira, conforme se objetivava no início da pesquisa. A catalogação sobre todas as obras do mestre também não foi concluída. A execução do projeto encontrou algumas dificuldades durante algumas fases devido ao cuidado que se deve ter no tratamento com as fontes orais para não se cometer erros anacrônicos e na busca por maior objetividade possível. O título do projeto também foi sendo modificado na medida em que as leituras realizadas não consideraram pertinente, por exemplo, o termo trajetória para tratar da proposta elencada no plano de estudos. Mesmo que essas dificuldades possam ter causado limitações em alguns pontos da pesquisa, acredita-se que a maior parte dos objetivos almejados foi alcançado com sucesso. O aperfeiçoamento na técnica veio com o tempo. Os muitos trabalhos que vieram contribuíram para que Mestre Juca se tornasse cada vez mais habilidoso, passando a ser percebido como um verdadeiro artista de Ouro Preto. Uma relação das obras por ele realizadas (Tabela 1) torna possível a visualização do trabalho do artífice canteiro.

Tabela 1:Obras do mestre Juca

Ano	Ação
1980	Começou com a arte da cantaria, restaurando a cruz da ponte do Pilar em 1980. Nesta obra empregou o quartzito do Itacolomy.
1982	Restaurou o chafariz da Casa do Pilar, que havia sido desmontado por pessoas que alegaram estar à procura de ouro. Foi refeito o bojo central do chafariz.
1983	Reconstruiu os marcos da janela à direita da frente da Igreja de S. Francisco de Paula, restaurou uma pinha diamante da torre, o braço da cruz da parte frontal da igreja e construída uma na entrada do cemitério (parte superior do portão).
1991	Restaurou as Janelas e Portas do Museu da Inconfidência. A oxidação das grades da janela danificou diversos marcos.
1995	Restaurou o Chafariz e um Frade pertencentes à Igreja Matriz Nossa Senhora de Nazaré – Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto.
1996	Restauração do portal, barrado frontal e escada do Museu do Oratório.
1999	Construiu oito suportes de cantaria para colocar as correntes em frente ao Museu da Inconfidência.
1999	Construiu oito suportes de cantaria para colocar as correntes em frente ao Museu da Inconfidência.
2000	Esculpiu um chafariz para o restaurante “Deguste” em Ouro Preto.

	Inicia o projeto Cantaria na Universidade Federal de Ouro Preto.
2001	Construiu um suporte de cantaria para o logotipo do centro de Convenções da UFOP.
2001 a 2002	Restaurou a cruz do chafariz do Rosário, neste caso empregou o quartzito da Estrada Real.
2002	Restaurou a cruz do chafariz do Rosário, neste caso empregou o quartzito da Estrada Real.
2002	Restaurou a cruz do cemitério da Igreja de São Francisco de Assis, danificada no final de 2001.
2002	Construiu cruz junto com prof. Osmar. Foi instalada em 2007 na Praça Amadeu Barbosa (barra).
2003	Construiu um lavabo para Igreja Nossa Senhora das Mercês Restauração do contrapeso do relógio da Igreja de Santa Efigênia
2004	Restaurou a cruz em Lavras Novas, distrito de Ouro Preto, situada no adro da igreja de Nossa Senhora dos Prazeres. (Pereira, Nogueira, Pereira, Machado, Pereira, 2015)
2005	Restaurou portadas de cantaria no Museu da Inconfidência.
2006	Mestre Juca morre aos 82 anos em 28 de março.

No ano de 2000 mestre Juca com apoio da UFOP iniciou a formação de mão-de-obra qualificada formando onze oficiais canteiros, neste período foi fundamental apoio financeiro da Novelis, Fundação Gorceix, Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais, Ministério da Educação através dos editais do PROEXT 2005, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2013 e da Petrobras através do edital publicado de 2004 (R\$162.250,00), da Fapemig nos editais de 2004, 2006, 2007 e da empresa Novelis através do programa Doação e Patrocínio editais de 2002 a 2009 e do programa patrimônio (R\$9000,00). Total de recursos obtidos R\$1.351.870,51 (um milhão, trezentos e cinquenta e hum mil, oitocentos e setenta reais e cinquenta e um centavos). Curiosidade, no projeto Fapemig para fundação disponibilizar os recursos exigiu que o seu Juca com quarto ano de grupo declarasse que ia participar do projeto.

Dentre esses canteiros (Rodrigues, Silva, Fortes, Segato, Pereira, 2004) formados destacam-se:

a) Francisco Bárbara de Oliveira – pedreiro, 43 anos, natural de Diogo, distrito de Piranga, Estado de Minas Gerais. O Francisco, apelidado de Chico, trabalhou na restauração da cantaria da ponte de Marília durante 5 meses (dezembro de 2001 a abril de 2002), trabalhou na restauração da ponte do Pilar e auxiliou na restauração da cruz do cemitério da Igreja de São Francisco de Paula. De sua produção destacam-se a bacia de quartzito que está em exposição no Museu de Ciência e Técnica na Escola de Minas, a pinha e a lanterna japonesa, exposta pelo do Sebrae em dezembro de 2003, restauração

das pontes da Estrada Real trecho Ouro Preto a Ouro Branco, restauração da Estação da cantaria de Itabirito;

b) Edniz José Reis – Artesão; foi auxiliar do Mestre Juca durante dois anos, tem uma loja de artesanato no distrito de Passagem, na cidade de Mariana, e montou uma oficina de cantaria, onde trabalha e oferece cursos da arte de cantaria, restaurou as cruzes de cantaria da Ponte da Barra da cidade de Ouro Preto, o chafariz do Pilar dentre outros.

Quando foi restaurada a ponte de Marília observou que não bastava restaurar, mas era necessário chamar atenção da comunidade para as obras de cantaria, pois dois meses depois de terminada a restauração a ponte já estava depredada, na maioria dos casos crianças que deixavam seus nomes impressos com corretivos. Em razão disso iniciou em 2002 o projeto revisitando Ouro Preto, para crianças da quarta série. Esse as crianças passavam uma manhã com o mestre na oficina conhecendo o trabalho e eram desafiadas a fazer um texto ou desenho falando da cantaria em Ouro Preto. Era dirigido para quinta série do ensino fundamental. Depois em razão do pedido das crianças criou outra ação denominada Educação e arte para crianças, nesse caso atendia em média quarenta crianças das escolas públicas que participavam de aulas sobre patrimônio, conheciam a universidade e faziam várias oficinas destacando-se as de cantaria, leitura e conhecendo a UFOP.

No entanto era necessário disponibilizar acesso as informações sobre patrimônio com objetivo de disseminar o interesse pela conservação da cidade, então foi criada a primeira biblioteca comunitária no Bairro Morro São Sebastião onde alunos da UFOP davam apoio a leitura, pesquisa e dever de casa para a comunidade, além de oferecer diversas oficinas destacando-se a de culinária. Essa oficina gerou a publicação “Memória Culinária de Ouro Preto”. Além dessa foram criadas mais três bibliotecas nos arredores de Ouro Preto.

Completando trabalho tornou-se necessário iniciar a pesquisa sobre o assunto e isso facilitou desenvolvimento dos projetos, a formação de mão de obra especializada, além de aumentar significativamente a produção científica do grupo registrado no CNPQ. Alunos de graduação oriundos do projeto fizeram pós-graduação na UFMG, UFJF, Unicamp, e UFRJ sobre os temas ofícios mecânicos e cantaria. Nesta área temos uma atenção especial com a comunidade buscando integrá-la com a Universidade levando e trazendo conhecimento através das bibliotecas comunitárias e dos projetos. Foram

produzidos quatro programas pela rede TV Globo, dois programas pela TV Cultura, três pela TV Uni BH. Quanto aos prêmios são apresentados na Tabela 2.

TABELA 2: PRÊMIOS

Jose Raimundo Pereira	Medalha do aleijadinho, Conselho da Medalha do Aleijadinho	1999
	Honra do Mérito Cultural, Conselho Nacional de Política Cultural e Ministério da Cultura.	2002
	Medalha Bernardo Pereira de Vasconcelos, Câmara Municipal de Ouro Preto.	2003
Projeto Cantaria	Moção de aplauso	2008
Projeto Oficina de ciência e cidadania Morro São Sebastião e Saramenha de Cima	Concurso Pontos de Leitura 2008 - Edição Machado de Assis Ministério da Cultura	2008
Educação e arte para crianças	Moção de aplauso	2010
Projeto cantaria	Medalha do Aleijadinho	2010
Projeto Cantaria	Troféu Comunidade 2011 Fundação Cultural de Minas Gerais	2011

Obras de Ouro Preto que apresentavam problemas pela ação do tempo, do homem ou por outros fatores, se reconstituíram através das mãos habilidosas e firmes do Mestre Juca. Amante da beleza barroca, apegado aos detalhes, ele gostava de manter o aspecto das peças tal como outrora se fazia antes da técnica entrar em vias de extinção em Minas Gerais. Dizia-se encantado com o trabalho dos ‘antigos’, como costumava chamar os mestres canteiros responsáveis pelas primeiras obras ouro-pretanas esculpidas em cantaria. Era muito ligado às questões de preservação, o que demonstrou em muitas de suas falas. A perplexidade diante do cenário de Ouro Preto com suas inúmeras obras era visível em sua fala. Ao mesmo tempo em que esse sentimento se dava pela admiração, ocorria de forma revoltada, uma vez que acreditava na falta de incentivo e iniciativas do poder público para a preservação do patrimônio histórico, além do descaso da própria população. “Você vê, tem os chafarizes, essa coisa tudo, você tá vendo agora é hora, esse pessoal todo vai mexer com política, aí vai entrar todo mundo e ‘ah’, porque eu vou fazer isso, vou fazer aquilo’, mas o principal mesmo tá aí, quanta coisa que precisa ser olhada e não é olhado” .

Pouco tempo depois de fornecer os relatos para tentar revelar um pouco de si, mestre Juca, devido a problemas de saúde, faleceu, deixando saudade em seus familiares e amigos. Sua vida sem dúvidas teve uma complexidade que foi muito além do que pode ser apresentado por qualquer tentativa de reconstrução de sua existência. O que fizemos

aqui foi tentar uma aproximação de algumas das realidades por ele vivenciadas. Sem dúvida seu Juca se aproveitou das oportunidades que surgiram durante sua existência. Ao que tudo indica foi uma pessoa que cultivou a simplicidade, buscou formas de se sentir feliz e teve uma existência onde procurou agir em consonância com as regras sociais, mas se destacando em alguns aspectos. Porém, apesar de aceitar essas regras, quando não estava satisfeito procurava demonstrar isso através de sua personalidade forte. Isso pode ser percebido quando não aceitou fazer uma obra com a mistura de pó e argamassa. Sempre chamou essa técnica de fingimento e em nenhuma entrevista omitiu sua revolta em relação a outras pessoas lhe solicitarem esse tipo de trabalho. Mostrou ser uma pessoa consciente da importância histórica de sua cidade natal. A década de 30 foi marcada por políticas de preservação ao patrimônio, porém não podemos afirmar com exatidão que ele presenciou em sua infância discursos que visavam à preservação e importância cultural e histórica de Ouro Preto. Pode ser que ele tenha crescido em meio a esse clima, sendo a escola mesmo um ambiente que pode ter contribuído para a propagação dessas ideias preservacionistas. Porém o próprio biografado pontuou que só começou a se interessar fortemente por essas questões quando esteve ligado ao Instituto de proteção ao patrimônio histórico e nacional, na época SPHAN.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do mestre Juca começou com o objetivo de formar profissionais para manutenção do patrimônio pétreo de Ouro Preto, no entanto na primeira restauração mostrou que era necessária uma conscientização e criou o projeto de educação patrimonial que associados a criação de bibliotecas comunitárias que continuam crescendo mesmo após a morte do mestre. A pesquisa veio como consequência e isso facilitou o desenvolvimento das atividades, a produção científica além da formação dos graduandos. Hoje muitos ex-crianças do projeto estudam na UFOP e alguns são bolsistas dos projetos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as seguintes instituições que foram importantes para a construção e manutenção do projeto ao longo de sua trajetória: Ministério da Cultura, Ministério da

Educação, Governo Federal, Petrobrás, Fundação Gorceix, Novelis, FAPEMIG, e Universidade Federal de Ouro Preto, CAPES e Cnpq.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Francisco Bárbara de. Ouro Preto, 6 de junho 2007. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Deise Simões Rodrigues.

SANTOS, Ângelo Oswaldo de Araújo. Ouro Preto, 5 de julho 2005. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Deise Simões Rodrigues.

PEREIRA, Ilda Maria de Araújo. Ouro Preto, 30 de maio 2005. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Deise Simões Rodrigues.

Recebido em: 30/04/2022

Aprovado em: 25/05/2022

Publicado em: 01/06/2022